



## *Memórias do Cárcere: entreolhares.* Um confronto entre as *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, e Camilo Castelo Branco

Leila Maria Rodrigues Daibs Cabral  
Investigadora/São Paulo

**PALAVRAS-CHAVE:** MEMÓRIAS, CÁRCERE, GRACILIANO RAMOS, CAMILO CASTELO BRANCO.  
**KEYWORDS:** MEMORIES, PRISON, GRACILIANO RAMOS, CAMILO CASTELO BRANCO.

A proposta deste confronto, entre as “memórias” dos escritores Graciliano Ramos e Camilo Castelo Branco, faz-se pertinente pelo denominador comum de seu pendor para o confessionalismo autobiográfico, para o testemunho dos fatos históricos, do Brasil e de Portugal, em alguns aspectos similares, que incorporaram à literatura de seus respectivos países onde inscreveram com os instrumentos estéticos a denúncia de um sistema de opressão.

Camilo e Graciliano, por haverem vivido a realidade da prisão, embora em tempo e espaço diferentes, escreveram suas *Memórias do Cárcere*, publicadas em 1863 e 1953 respectivamente. Como se sabe, foram prisioneiros por diferentes razões: o escritor português envolveu-se com adultério e Graciliano com ideias políticas avançadas para seu tempo.

Ainda que não estivesse filiado ao Partido Comunista (o que faria em 1945), não fizesse parte de nenhum grupo revolucionário e muito menos estivesse escrevendo afrontas ao governo, Graciliano Ramos foi um dos escritores brasileiros torturados em épocas de repressão e censura.

Considere-se, inicialmente, uma cronologia sumária: 1930, ano da vitória da revolução que instala Getúlio Vargas na chefia do governo brasileiro; 1937, do novo regime, que implanta a ditadura mediante o fechamento do Congresso e da suspensão das garantias individuais e proclamação do Estado Novo.

Sendo assim, os livros subsequentes de Graciliano Ramos foram produzidos nesse período: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), ou seja, o autor pode ser considerado efetivamente um ficcionista dos anos 30, tomando-se como referência política o período dominado pelo ditador Vargas.

Como referem seus biógrafos e ele próprio, em Março de 1936, é detido, em Alagoas, enviado para o Rio de Janeiro e irá vagar de prisão em prisão, da Cadeia de Pirajuçara, em Maceió, para o Forte Cinco Pontas, em Recife. Transportado nos porões do Manaus para o Rio de Janeiro, onde permaneceu na Casa de Detenção, rumou, depois, em direção ao “inferno”: a mal afamada Colônia Correcional de Ilha Grande. Durante o tempo em que lá esteve, escreveu minuciosos apontamentos sobre a vida na cadeia, que deram estofa para *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente. Sem culpa formada, nem processo estabelecido, foi libertado cerca de dez meses depois.

Assim, sente-se que a experiência carcerária presentifica toda a obra de Graciliano Ramos, definindo o homem, seu destino trágico, e a situação enunciativa é de um narrador que denuncia a brutalidade dos acontecimentos políticos, o que fez com que ampliasse dramaticamente sua cosmovisão.

Silviano Santiago, na obra *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais* (1982), sugere que o texto populista exiba as “chagas” dos perseguidos e torturados; segundo o autor, essas chagas poderiam resultar em um texto sofrido, mas “autocrítico e impiedoso”, conforme se vê nos livros de Graciliano Ramos (Santiago, 1982: 37).

Até que ponto se mesclam confissão biográfica e testemunho histórico (que não são apenas do autor, mas de uma coletividade carcerária), na sintagmática da narrativa? Esta tomada de atitude delimita com precisão os patamares rígidos entre uma *verdade* e uma *invenção*, dado que o relato é realista, de transcrições objetivas, não há inquérito mais verdadeiro sobre a sequência infundável de misérias, torturas e degradações experimentadas nos porões infectos, nomeando carrascos e vítimas por seus verídicos nomes, palco histórico de um Brasil de 1930.

Em *Memórias do Cárcere*, de Camilo, o autor dimensiona temas e aspectos íntimos do social, tal qual o realismo do autor de *Angústia* elege o nojo, no afã de descrever as paixões e as coisas. Um e outro interpretaram com maestria os sentimentos humanos, imprimiram-lhe bem os caracteres e são paradigmáticos pelos desafios que enfrentaram, sacrificando o bem-estar próprio e o das famílias pelo desejo de militantes, de realizar as ideias ligadas

à sua visão de mundo, imprudentes para a época, mas que lhes concederam material para sua ótica social, política, e, conseqüentemente, literária.

Camilo concentrou-se na intriga, na paixão, com diferente luneta, e, se porventura Graciliano sacrificou menos a ideia à forma, elaborou o competente quadro de época. Em seus relatos pesam certos protótipos culturais, acolhidos sempre pelo discurso em primeira pessoa, de narrativa pessoal, revelando-se os narradores que não se escamoteiam na impessoalidade. O enunciado leva-os a assumirem o “discurso da vingança” contra algozes e perseguidores, nomeados principalmente no texto de Graciliano Ramos. Tudo se dá num espaço em que, por vezes, o riso e o pranto se mostram corrosivos, nomeadamente ao satirizarem determinados modelos da sociedade.

Salvo as diferenças, como funcionam esses roteiros? Como se cruzam? De que forma passaram de geração para geração? Os narradores-protagonistas aprofundaram-se nos acontecimentos e pela voz da memória viveram algumas experiências semelhantes, de onde se conclui que um regime carcerário, nos diferentes tempos dos romancistas e embora em países diversos, possuísse muitos pontos comuns.

A primeiro de Outubro de 1860, percorridos os últimos passos de uma acidentada via dolorosa que o fizera peregrinar, fugindo aos seus perseguidores, dava Camilo entrada na Cadeia da Relação do Porto. Pode-se facilmente imaginar, não sem espanto e admiração, a figura do irreverente escritor que, segundo Alexandre Cabral (1988), um de seus notáveis biógrafos, encontrava-se trancafiado no cubículo da cela, tendo a seu lado a mulher que com ele cometera adultério.

Graciliano Ramos é detido em Alagoas, em março de 1936, e trasladado para o Rio de Janeiro, conforme aqui se referiu. Assinalam sua narrativa a tirania e a violência, ao tempo em que lhe coube viver e incorporar sua experiência no próprio texto biográfico de que é autor. Assim, escreve em *Memórias do Cárcere* (1969): “A 3 de março de 1936 dei o manuscrito (de Angústia) à datilógrafa e no mesmo dia fui preso” [...] estaria eu certo de não haver cometido falta grave? Efetivamente não tinha lembrança, mas ambicionava com fúria ver a desgraça do capitalismo, pregara-lhe alfinetes, únicas armas disponíveis, via com satisfação os muros pichados (Ramos, 1969: 46, vol. 1).

Tais fatores se refletiram intensamente no seu projeto literário e, em 1953, publicam-se os quatro volumes de *Memórias do Cárcere*. A narrativa tem como princípio o aguçamento da percepção do narrador, seja pela tomada do “instantâneo”, que constitui propriamente o livro e, ao mesmo tempo, pela apresentação-revelação do virulento mundo de torturas e perseguições do ambiente carcerário. As descrições de determinadas personagens, no texto de Graciliano Ramos assemelham-se às de refugos humanos e oferecem ao receptor o espetáculo de homens em luta livre consigo mesmos, além de serem degradantes; a

loucura de isolados e a sinceridade de sua narrativa oportunizam ao leitor encontrar semelhanças ao cotejar seus testemunhos.

Observe-se, por exemplo, como se espelha a degradação, em Graciliano Ramos: “Das funções orgânicas permitiam-nos apenas assimilar, desassimilar. Abundante e ruim, a comida nos chegava em marmitas de folha amolgada, a empanturrar um caixão que varais ladeavam” (ibid.: 23).

Portanto, a grande singularidade e complexidade das ficções de ambos os escritores estão em que a fábula vira fato e o fingimento, verdade. Mensagem que nos autoriza a ler a obra dos escritores como um tratado poético, que desnuda o próprio fazer literário, fornecendo uma noção de história tal como entendida e defendida pelos autores. A experiência carcerária metaforiza-se fortemente pelas obras, onde se define a noção que os autores formaram do homem e de seu destino trágico.

No caso de Graciliano, dada a violência dos fatos políticos em que se viu envolvido, ainda se mostra a ampliação de sua visão de mundo, ao figurar o espaço circundante com os instrumentos da imaginação. Vale acrescentar que a prisão de Camilo Castelo Branco ocorreu de forma singular: Manuel Pinheiro Alves move ação contra o romancista, por cumplicidade no crime de adultério. A sua “mulher fatal”, já encerrada nas grades da Relação, desde seis de Junho, além do dever de partilhar com ela a situação infeliz, induziu o escritor a entregar-se. Esta tônica de romantismo que demarca a atitude de Camilo relaciona-se com o pensamento literário do autor, inspirado pelo amor que o unia a Ana Plácido, chegando ao cúmulo de estranhamente autorizar sua própria prisão. Sinal de originalidade ostensiva, que demonstra um amor exaltado e sôfrego, vivência de uma suprarrealidade como realidade total.

Assim, a primeiro de outubro de 1860, ao terminar o prazo das tréguas a ele concedidas com magnitude, foi ao tribunal do crime e solicitou o tal mandado de prisão, mediante o qual obteve do carcereiro licença de recolher-se a uma das masmorras altas da Relação. A notícia vem estampada no jornal *O Nacional*: “Apresentou-se hoje no Tribunal competente o Sr. Camilo Castelo Branco, requerendo mandado de captura para recolher-se à Relação, e seguir os termos de livramento, na querela dada contra ele pelo Sr. Manuel Pinheiro Alves” (Ferreira, 1964: 839). O fato parece prosaico, porém compreensível, quando se imagina que a fantasia motivada pela sua paixão, de fundo narcísico, ocasionou-lhe estar ao lado da mulher amada, um modo de redimi-la e remir-se, afora o ineditismo de solicitar a própria prisão. Sua atitude concede-lhe, ainda, alcançar o consenso social e o aplauso, evitando passar-se por tolo e apequenado.

Camilo deixou testemunho nas *Memórias do Cárcere*, publicadas em 1863, de que, apesar das possíveis distorções que uma autobiografia possa apresentar, entreveem-se os estados

psíquicos experimentados, ao relatar que, dominado pela emotividade, impotente face aos entusiasmos de uma paixão que os obstáculos faziam progredir, sofreu a condenação judicial e, dessa maneira, encontrou na atividade literária o desafogo durante as longas horas de reclusão.

Esta situação leva à de Graciliano Ramos, que também deu início às suas memórias, dentro do cárcere, embora diferentemente, pois era obrigado a ocultar seus apontamentos, sem a liberdade concedida ao escritor português. Isto se devia à injusta perseguição a ele imposta, de tal modo que, se lhe descobrissem os manuscritos, seria, como sempre, penalizado.

Wander Melo Miranda, estudioso da obra do autor alagoano, destaca em *Corpos Escritos* (1992), que, no filme *Memórias do Cárcere*, produzido por Nelson Pereira dos Santos, há uma cena muito ilustrativa, nesse sentido. Graciliano, ao pressentir que poderiam descobrir suas anotações sobre a prisão, oculta-as atrás de si, e esses apontamentos passam de mão em mão, até chegarem a um lugar seguro, longe dos olhos da polícia. “A câmera acompanha, veloz e ansiosa como o olho do espectador, a trajetória dos papéis passando de mão em mão e ao enquadrar esse movimento emociona e faz pensar”, afirma Miranda (1992: 17). As ocasiões são um *remake*, vislumbrando o dever do futuro, quando o presente era incerto para o escritor, colocando-se em jogo a imagem degradada refletida no espelho. Também em contrapartida, o texto de Graciliano mostra uma fabulação que se diferencia pelo toque realista que imprime à narração, mesmo porque fora levado ao cárcere por motivo muito diverso do de Camilo. Para mais, sofre a ação de um destino alheio à sua vontade e felicidade, que ele não consegue controlar, vendo-se a todo o momento vigiado pela comunidade em que está envolvido.

Ao descobrir-se preso nas teias narrativas de uma lógica abominável e penosa, decide recriá-la construindo sua própria história segundo seu olhar, tipicamente realista e dolorido, desenredando também as tramas alheias ao seu desejo, nas teias narrativas.

Camilo, por sua vez, esteve preso mais pela paixão. Sua tragédia tivera início precocemente por ter raptado uma senhora, certa vez, em Vila Real, ocorrência que o levou ao cárcere pela primeira vez, na cadeia da Relação do Porto, tendo ficado confinado até 17 de Outubro. Ao período de sua clausura, aproveitou para compor o *Amor de Perdição*, em 1862. Como Simão Botelho, um tio do autor, estivera recluso no mesmo presídio, em 1803, por crime de homicídio frustrado, desta circunstância extraiu Camilo o tema do livro, uma das mais pungentes novelas passionais de um escritor português de seu tempo. Escreveu-o em quinze dias e prometeu que nunca mais abriria o livro, tão horrorizada memória possuía dos dias de prisão, nem lhe passaria a lima sobre os defeitos nas futuras edições.

Ambas as narrativas de *Memórias do Cárcere* são construídas no jogo dos significados. Este jogo se deve à atitude mimética de duas fábulas que não são apenas de depoimentos,

mas ficções. Quanto à opção dos autores por “memórias”, sabe-se que as imagens nelas apresentadas não destroem o real, antes mostram transições de sentido, estando em jogo o ato da escrita. A imagem é uma sintaxe que não reflete apenas o real, visto que, na língua, as figuras são o espaço do dizer como retórica e comparecem ao texto artístico em um universo sintático de ritmos, no qual assumem seu sentido.

Assim, a criação literária de Graciliano Ramos segue, em parte, as suas preocupações memorialistas, percorridas em *Infância*, marcadas pelo aperfeiçoamento técnico e de vivência diversificada (Coutinho, 1997: 407). Embora agrupadas em capítulos, as referências não obedecem a uma rígida cronologia de ordem externa à escrita. Logo no primeiro volume, o escritor confessa haver entre os seus companheiros, pessoas cultas e inteligentes, afeitas a investigações profundas. O escritor ainda discorre a respeito de sua relação com esses companheiros, afirmando que estava em situação vantajosa, pois, ao exercer vários ofícios, esqueceu-se de todos, podendo, sem qualquer preocupação, locomover-se de um lado a outro.

Portanto, se depois dos anos 30 certa literatura produzida no Brasil teve a intenção do engajamento, da análise de aspectos sociais, delimitando programaticamente esta atitude, o que a aproximou do discurso pragmático da literatura panfletária, não teve tal radicalismo com Graciliano Ramos. Suas preocupações com os acontecimentos que se articulavam à sua volta não o fazem perder a consciência do ato de escrita, chegando à interessante observação, em *Memórias do Cárcere* (1969), de que uma pessoa que houvesse dormido no chão deveria lembrar-se sempre disto, impondo-se disciplina, sentando-se em cadeiras desconfortáveis e escrevendo em tábuas estreitas, porque, talvez, essas atitudes fizessem brotar escritas ásperas. É delas que a vida se desenha, sendo inútil negar, contornar ou envolver esses fatos “em gaze”. O trecho que abaixo se transcreve pode elucidar melhor esse aspecto:

Estranho, estranho demais. A fadiga alquebrava-me, impedia-me de esboçar um sorriso de reconhecimento. Precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima. Dar de beber a quem tem sede. Bem. Mas como exercer na vida comum essa obra de misericórdia? Há carência de oportunidade, as boas intenções embotam-se, perdem-se. (Ramos, 1969: 120)

Aos aspectos relacionáveis das *Memórias do Cárcere* dos dois escritores, notem-se as passagens que descrevem a situação de pessoas ou comportamentos, na prisão. A paixão das personagens coincide; os ficcionistas a conduzem até ao extremo de insensatez e de amargura. Tanto em Camilo quanto em Graciliano, ela domina; os conflitos das persona-

gens se resolvem à luz dessa paixão imperiosa e fatal porque se envolvem com a inveja, a ambição do mundo, a vaidade, a vil sofreguidão de volúpia que prevalecem ao seu redor.

O que estabelece o caráter literário dos textos é o significado emotivo dos discursos, nos quais se capta a multiplicidade do real, oscilando do documental ao psicológico, do particular ao universal. Parece que inexistem fronteiras entre o real e o fictício. A estrutura narrativa sustenta-se em estados de ânimo análogos aos reais, mas não iguais; há o jogo próprio de escrever em que se deslocam as significações, reorganizando a experiência existencial dos ficcionistas pela linguagem.

Nas “memórias”, o que é documental alcança essa dimensão distintiva que a literatura pode dar e assim há uma importância marcada no quadro geral da literatura portuguesa e da literatura brasileira por oferecerem, no caso destes escritores, o testemunho da tirania, pela melhor expressão literária: os depoimentos de Graciliano são, precisamente, uma visão da dominação ditatorial do fascismo tupiniquim, a identificação da farsa em que se consumaram alguns governos, como o de Vargas.

Nesses testemunhos inclui-se a questão de anulação do indivíduo, dimensiona-se a extensão trágica que vai muito além das simples aparências, assim como a da privação da liberdade, enquanto abrange todos os setores da vida, indistintamente. Se a dominação se traduz pela tirania exercitada em dado momento histórico, importa como suas marcas preservam-se pelos tempos afora, são indelévels. Afinal, o cárcere não se mostra só como mera coerção arbitrária da locomoção física, mas adentra o território imponderável das consciências. O prisioneiro se apresenta como que parecendo perder sua própria identidade, na medida em que o indivíduo é anulado como tal, minimizado como réu pela situação a que vai chegar, como peça na engrenagem do Estado, para que este pressupostamente cumpra seu papel de vigilância contínua sobre o cidadão.

Nas “memórias” de Graciliano Ramos pode-se ter a sensação do que resta em um indivíduo após ter sido submetido a esse regime, como seja, após a absolvição e libertação, dar-se conta de que chegara a um hábito: locomover-se como se o “puxassem por cordéis”, conforme se lê à página 234: “Achava-me inútil. Não serviria para nada à criatura”.

Cumpra salientar, ainda, a persistência da dialética entre passado e presente; ao passado pertencem todos os fatos contados, mas a ordem de reflexões é ditada pelo presente que é o da narrativa. Há que se referir, ainda, a perspectiva no discurso idealista dos narradores, visto apontar para a condição do homem subjugado pelo poder dominante e para a significação do cárcere como o muro do universo em que a tirania deixou seu rastro. Pelo discurso da memória, sobre a experiência do passado, instaura-se a reflexão, os escritores confrontam as atitudes e os resultados de conscientização, da realidade revisitada.

Conquanto tenha sofrido horrores nas prisões do Estado Novo, nada impediu que Graciliano Ramos houvesse, pelo menos, escrito as *Memórias do Cárcere*, que trouxeram para o âmbito da cultura brasileira a notável expressão literária das arbitrariedades da repressão, com um depoimento pessoal contundente a respeito do inferno dos subterrâneos carcerários. Através do intenso sofrimento físico e moral de um homem, da persistência política e intelectual de um artista, pôde-se melhor conhecer os caminhos do poder autoritário no Brasil.

Releve-se, finalmente, que a História reflete dialeticamente a arte e esta insere a obra literária no momento e nas condições em que foi gerada. Afinal, a arte, determinada aqui e agora, capta sua eternidade e valor universal da realidade histórica que representa um momento insuprimível da experiência humana. Concepção que pressupõe, no caso da literatura, procedimentos de cunho estético-literário, ficcional, metafórico e simbólico, não apenas um repositório puramente documental dos elementos que nela se representam.

## BIBLIOGRAFIA

- BELLEI, Sérgio (1982). "Em Liberdade de Grácil(v)iano: o triunfo da ficção". *Suplemento Literário*, 20.fev.
- CAMPOS, Geir (1955). "Memórias do Cárcere". *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de março.
- CASTELO BRANCO, Camilo (2003). *Amor de Perdição*. São Paulo: Série Bom Livro.
- (1966). *Memórias do cárcere*. A. M. Pereira.
- CABRAL, Alexandre (s/d). *Novelística camiliana*. Lisboa: Horizonte.
- CABRAL, Antônio (1918). *Camilo Desconhecido*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- MIRANDA, Wander Melo e Souza, Eneida Maria, org. (1997). *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte-M.G: EDUFF, Niterói-RJ: UFMG, Florianópolis: EDUFF e Salvador - BA: EDUFF-BA.
- MIRANDA, Wander Melo (1992). *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da USP/ Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- (1987). *Contra a Corrente*. Tese de Doutorado. USP.
- RAMOS, Graciliano (2000). *Memórias do Cárcere*. V.1-2. Rio de Janeiro: Record.

## RESUMO

Neste artigo, analisam-se as "Memórias" dos escritores Graciliano Ramos e Camilo Castelo Branco, duas obras que compartilham o pendor para o confessionalismo autobiográfico e para o testemunho dos fatos históricos.

## ABSTRACT

In this essay, we analyze the "Memoirs" of writers Graciliano Ramos and Camilo Castelo Branco, two works that share a tendency to autobiographical confessionalism and testimony of historical facts.